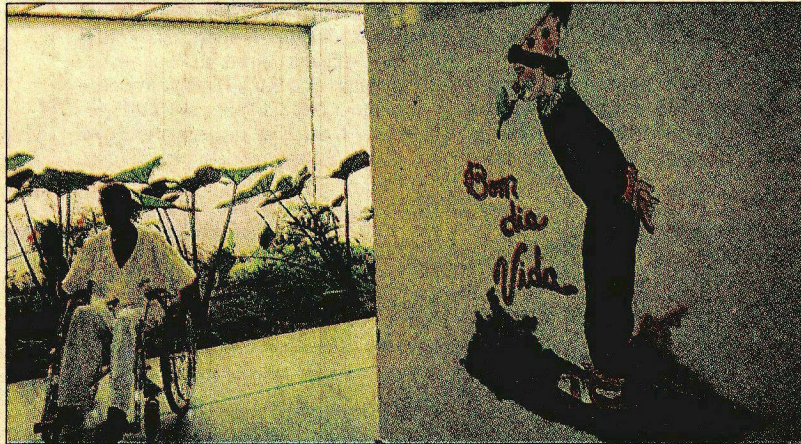


Hospital de Apoio é verdadeiro oásis

Adauto Cruz



Somente pacientes crônicos ou doentes de câncer vão ao hospital

Em meio ao colapso do sistema de saúde, um hospital público em Brasília impressiona pela limpeza e qualidade do tratamento que oferece. Com índices de Primeiro Mundo e soluções criativas de Terceiro, o Hospital de Apoio (HBA) foge à regra: tem funcionários motivados, leitos de sobra, muito espaço, pacientes satisfeitos e um índice de recuperação que beira os 70%. Construído há dois anos no Setor de Áreas Isoladas Norte (próximo ao camping), o hospital recebe apenas pacientes crônicos — como politraumatizados — e doentes de câncer.

A principal diferença deste hospital é que ele não tem pronto-socorro, sinônimo de filas e congestionamento, nem salas de cirurgia ou UTI. Funciona como uma retaguarda do Hospital de Base e outros hospitais regionais, onde a cada fim de semana aparecem, em média, sete ou oito acidentados, além de doentes com câncer. Não é o paciente que vai ao hospital, mas a equipe que vai até o paciente, e transfere apenas os que ainda podem ser salvos.

FILTRO

“O hospital não é um grande albergue. A proposta é dar tratamento para quem ainda tem chances de vida”, observa o diretor do hospital, o médico Cid Vale. A condição de *filtro* coloca o Hospital de Apoio numa situação confortável. Ao contrário dos hospitais comuns, pode escolher os pacientes.

Com 80 leitos adultos, 14 infantis e oito cadeiras para quimioterapia em crianças, o hospital preconiza o

trabalho em equipe, onde o médico atua como parte de uma engrenagem. Não é a peça mais importante. As decisões são tomadas por um Conselho Gestor com a participação de representantes dos usuários, como entidades de hemofílicos, leucêmicos e deficientes físicos.

No hospital, não faltam profissionais. São 11 médicos, sete enfermeiros, 62 auxiliares de enfermagem, 30 agentes administrativos, sete nutricionistas, seis assistentes sociais, dois médicos fisiatras, três psicólogos, três terapeutas ocupacionais e três professores da Fundação Hospitalar, cedidos por convênio.

Atualmente, há 48 adultos e oito crianças internados. Além disso, 200 crianças estão em tratamento, mas não dormem no hospital.

SERVIÇO RACIONALIZADO

Material também não falta. Os remédios, a maioria caríssimos, são cuidadosamente guardados em caixas de papelão identificadas. Diaria-

mente, Fábio Wilany prepara um kit com a ficha do paciente e os comprimidos com data de validade e horário em que devem ser ingeridos. A prescrição é semanal, o que racionaliza o uso de fichas. “Tivemos uma redução de 30 a 40% nos gastos com remédios, evitando o desvio”, explica.

Na lavanderia, a mesma coisa. Gastando R\$ 170 por mês, os lençóis, toalhas e pijamas são empacotados em kits individuais. Resultado: o volume de lavagens caiu de 1.500 Kg para 600 Kg por dia. “Tivemos uma economia de mais de 50%”, comemora Jorge Oliveira, responsável pela lavanderia.

A estrutura física também ajuda. O hospital tem corredores amplos, cinco jardins internos com plantas e muita luz do sol, banheiros grandes e camas adaptadas. Quando o paciente recebe alta ou morre, a maca e o móvel de cabeceira são lavados e deixados 24h no sol, para evitar infecção hospitalar.

Os pacientes são chamados de *usuários*. Os doentes terminais po-

dem receber visita a qualquer hora. Mas ninguém deixa o hospital sem a bolsa revistada, para evitar furtos. Na ala infantil, os médicos não usam jaleco, mas camisetas brancas com a figura da Minnie ou do “Apoinho”, um boneco sorridente que simboliza o hospital. Há muitos brinquedos, além de televisão, videocassete e videogames. A maioria, doados.

A menina Sara Carvalho, de 2 anos, retirou um tumor no tórax há mais de um ano e hoje faz acompanhamento no Hospital da Criança. O pai, maestro Eduardo Carvalho, dispensa o convênio particular para usar o HBA.

Os adultos também têm a sua diversão. De 15 em 15 dias, todas as quartas-feiras, os paraplégicos vão passear no Parque da Cidade, no circo, nos shoppings ou em outros pontos de lazer. “É importante porque você não fica preso o tempo todo ao hospital”, diz Mardóquio da Silva, de 28 anos, que há 6 meses caiu de uma camionete em Roraima, quando trabalhava para o censo do IBGE e fraturou a coluna.

Em quase tudo, o Hospital de Apoio lembra a eficiência e o rigor do Hospital Sarah Kubitschek, guardadas as proporções. Mas os dirigentes rejeitam o rótulo de hospital de elite e garantem que não têm privilégios. Segundo o diretor administrativo, os salários e medicamentos são pagos pela Secretaria de Saúde e a receita principal vem do SUS. (BV)

SERVIÇO

HOSPITAL DE APOIO
SAIN Quadra 4. Telefone: 322 6020